



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja; Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

*Universidade Federal do Pará, silviakhaleesi@gmail.com; Universidade Federal do Pará,
melissawalesk@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho é uma análise sobre os locais que mulheres ocupam nas narrativas de museus no Centro Histórico de Belém, este que consiste principalmente no Complexo Feliz Lusitânia, abarcando museus – que são sua maior parte em modelo tradicional – e praças. Para tal objetivo foi recorrido a observações diretas destes espaços de museu e aplicado questionário virtual para mulheres, o qual obteve 40 participações. A partir de teorias e discussões voltadas para a área da Museologia e tendo em vista a ausência de mulheres dentro de espaços de memórias que são os museus, podemos pensar e trabalhar a necessidade social e museológica de se problematizar essas relações, sejam elas com mulheres na posição de artista, na representação de narrativas que uma obra pode transmitir ou em outras atividades relacionadas a estas instituições. Com isto, traçamos nossa pesquisa somente com autoras como forma de buscar bases para este trabalho que também viesse a partir de mulheres. A exposição museológica funciona como discurso que possui peso no olhar do visitante através da educação não formal, uma vez que possui poder de legitimação de discursos, tornando-os verdadeiros. Entendendo dessa maneira a importância das exposições museológicas, cabe a problematização e discussão acerca da invisibilidade feminina dentro destes espaços, acentuando a necessidade de refletir acerca de suas causas, em como intervir nessa realidade e na pluralidade da questão, trabalhando acerca de questões inerentes à teoria museológica e ao feminismo.

Palavras-chave: Museu, Museologia, Mulher, Feminismo, Memória.

Introdução

Tendo em vista a noção de Museu na qualidade de fenômeno evidenciado por Tereza Scheiner (2005) como:

livre e plural, podendo existir em qualquer espaço, em qualquer tempo. [...] Como fenômeno o Museu está sempre em processo, revelando-se sob múltiplas e diferentes faces. E todas as formas conhecidas de Museu serão vistas como suportes manifestações do fenômeno numa dada realidade (p. 95)

Sendo este um espaço de discussões de âmbito histórico, artístico e social, entende-se a ausência de discursos igualitários, que perpassam a questão de gênero, sexualidade e raça, e de direito à memória neste caso, como uma das maiores problemáticas dos museus como também espaços de política, pois estes devem ser lugares democráticos, pensando



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

assim na inclusão dos diversos agentes da sociedade.

Este trabalho tem a intenção de fazer sua discussão com um pensar direcionado principalmente para o campo da Museologia¹, fazendo relações a partir dessa área entorno do papel comunicacional, social e educacional do Museu. Pensar como seus discursos produzidos através de exposições podem afetar seus públicos, tendo em voga aqui o público feminino, e problematizando os lugares destinados às mulheres e suas representações nestes locais.

Metodologia

Buscamos utilizar somente autoras como forma de trazer a representação feminina nesta pesquisa desde a bibliografia levantada, o que vemos com extrema importância para demonstrar igualmente a produção de mulheres na academia. Para isto, nos baseamos no que Linda Alcoff (2016) cita ser uma “epistemologia decolonial revolucionária” acerca de como e por quem o conhecimento é produzido, discorrendo que

¹“um campo disciplinar específico, independente, de caráter científico-filosófico, tendo o museu (fenômeno) e a musealidade (valor) como objetos de estudo; um campo que opera por meio de uma metodologia específica (metodologia da museologia), frequentemente fazendo interface com outros campos disciplinares, [...] e que faz uso de uma terminologia própria para explicitar seus processos e questões” (SCHEINER, p. 359, 2013)

O projeto de decolonização epistemológica (e a mudança da geografia da razão) requer que prestemos atenção à identidade social não simplesmente para mostrar como o colonialismo tem, em alguns casos, criado identidades, mas também para mostrar como têm sido silenciadas e desautorizadas epistemicamente algumas formas de identidade enquanto outras têm sido fortalecidas. Assim, o projeto de decolonização epistemológica presume a importância epistêmica da identidade porque entende que experiências em diferentes localizações são distintas e que a localização importa para o conhecimento. (p. 136)

Bem como, faremos uso de documentos direcionados ao Pensar Museológico como o da Mesa Redonda de Santiago (1972)², Declaração de Quebec (1984)³ e a Declaração de Caracas (1992)⁴ que foram importantes para trazer novas perspectivas ao campo museal, entendendo seu caráter social, político e educativo, afirmando os museus como locais de práticas de cidadania. Além disso, foram realizadas visitas aos museus do Centro Histórico de Belém como forma de observação direta do espaço e foi aplicado questionário virtual direcionado às mulheres, no intuito de levantar dados a se discutir neste trabalho, o qual obteve 40 participantes.

Resultados e Discussões

O centro histórico de Belém é composto principalmente pelo Complexo Feliz

²Documento da Mesa Redonda de Santiago. Chile. 1972.

³ Documento Declaração de Quebec. Canadá. 1984.

⁴ Documento Declaração de Caracas. Venezuela. 1998.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Lusitânia – nome este problemático considerando a historicidade local e sua base no colonialismo e vivências violentas –, que consiste em um espaço que engloba: Forte do Presépio (que abarca o Museu do Encontro); Praça D. Frei Caetano; Palacete das Onze Janelas (também conhecido como Casa das Onze Janelas); Museu de Arte Sacra (antigo Palácio Episcopal); Catedral Metropolitana de Belém; Ladeira do Castelo; Museu do Círio; Museu da Imagem e do Som; Museu do Estado do Pará (MEP) e Museu de Arte de Belém (MABE). Esse complexo apresenta a história de Belém a partir de um olhar que contempla em sua maior parte o homem branco e sua hegemonia. Da arquitetura aos objetos em exposição, pouco se vê de mulheres, seja no acervo ou na produção.

Vamos citar brevemente acerca de algumas exposições destes museus, os quais em sua maioria apresentam exposições permanentes, focando posteriormente na interpretação dos dados levantados com o questionário aplicado.

A Casa das Onze Janelas (que atualmente encontra-se fechada para reformas) muda constantemente a sua exposição por ser um espaço voltado para arte contemporânea. Sendo assim, constantemente expõe obras voltadas às mulheres e expõe artistas como

Berna Reale, Rosângela Britto, Drika Chagas e Keyla Sobral.

Outro espaço que traz a imagem da mulher é o Museu do Estado do Pará. Este Museu possui exposição permanente desde 2008. Seu acervo faz referência à história do Pará e seus governos. Há peças que indicam como viviam os habitantes da cidade de Belém, principalmente na Belle Époque⁵. Neste período houve um aumento significativo da exportação de arte, moda e costumes da Europa para a região amazônica. Dessa forma surge o Art Nouveau em Belém. Esse movimento artístico apresenta novos materiais produzidos a partir de novas tecnologias da revolução industrial, além de forte presença de fauna, flora e imagem da mulher. Dessa forma, o Museu do Estado do Pará, que possui diversos acervos referentes à decoração da época, dispõe de inúmeras peças referentes a esse período que exaltava o feminino.

Além disto, o MEP possui telas que estão dispostas em uma sala sem um propósito aparente ao visitante. Esta reúne quadros que foram adquiridos pelo Governo do Estado do Pará antes da institucionalização

⁵ Movimento ocorrido no fim do século XIX, principalmente na região amazônica. Com a exportação da borracha, Belém e Manaus foram as cidades que mais se desenvolveram nesse período, fazendo com que houvesse muita riqueza, principalmente em seus centros históricos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

do MEP. Assim, algumas dessas obras utilizam-se da imagem de mulheres como a obra no estilo romântico baseada no romance iluminista francês de Bernardin de Saint-Pierre *Paulo e Virgínia* publicado em 1787, *A Morte de Virgínia* (1905) de Antônio Parreiras; e *Interior de Cozinha* (1907) de Oscar Pereira da Silva e que apresenta uma senhora sentada a beira de um fogão a lenha em cozinha de casa com aspecto pobre, em ação comum ao cotidiano e ao ambiente familiar; tendo também uma única tela de autoria feminina, *A Cigana* (s/d) de Cristina Capper Alves de Souza.

Assim, partindo para os resultados do questionário aplicado via Internet com 40 mulheres (1 transgênero e 39 cisgêneros) com idades entre 18 e 52 anos. Dessas, 60% informou que costuma visitar os museus do centro histórico belenense; 57,5% informou que não se sente representada no que é exposto; 35% não soube responder; e apenas 7,5% informou sentir-se representada. Informaram visitar museus para conhecer novas culturas, lazer, por interesse profissional, apoio a artistas e pesquisa. Segundo essas mulheres, diversas foram as causas apresentadas para as ausências femininas no museu: a falta de mulheres atuando na área; as representações femininas em

segundo plano; a hipersexualização de seus corpos; narrativas não pertencentes às mulheres; visão colonizadora, hegemonia branca e católica lusitânica; romantização da história; falta de incentivo dos governos e disponibilização dos espaços públicos para mulheres em suas diversas áreas de atuação; a presença de discursos separatistas entre homens e mulheres; cultura já institucionalizada de silenciamento que são reflexos da sociedade patriarcal; falta de divulgação quando há exposições ou trabalhos que abarquem o universo feminino e falta de exploração e pesquisa desse universo. Como positivo, foi citada a representação da imagem de mulheres em quadros e esculturas; as mediações em que o mediador cita a presença feminina; a representação é escassa, mas existente, da mulher da Amazônia e a intencionalidade de artistas paraenses em trabalhar a mulher.

As entrevistadas apontaram como propostas para solucionar o problema da falta de reconhecimento nos museus maior incentivo para as visitas às nossas obras de patrimônio; evidencialização da mulher em movimentos culturais locais através dos circuitos artísticos e políticos; dar visibilidade às lutas e conquistas femininas e sua importância para a formação



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

histórico-social; circuitos de eventos e palestras nos museus abordando o tema; abertura dos museus tradicionais aos novos discursos; ressignificação dos acervos históricos já expostos através da evocação de memórias soterradas; maior presença ativa do educativo do museu na comunicação, com aproximação dos grupos universitários; aproximação com a comunidade; implementar mais didática e linguagem acessível na comunicação do museu; incentivo do museu à reflexão; dar voz à mulher negra (tendo em vista que esta é uma luta ainda maior dentro do movimento negro); abertura de editais voltados para o tema e fazer com que as exposições e atividades acerca do tema não abarquem somente o público feminino.

A partir do que foi apresentado pelas mulheres entrevistadas, podemos discutir acerca do que é e do que se propõe a Nova Museologia. Em 1972, a Mesa Redonda de Santiago apresentou algumas ideias do que viria a ser a Nova Museologia. Assim, além de fazer menção à importância da interdisciplinaridade no campo museológico, insere um novo conceito para a ação de museus que é o de Museu Integral, defendendo uma integração dos museus à vida das pessoas atuando em prol de problemas como os de aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos.

Dessa forma, o museu é uma instituição com o dever de servir às sociedades as quais faz parte, participando através de seus elementos integrados na contribuição ao desenvolvimento e engajamento das comunidades nas quais está inserido fazendo relações entre passado e presente, atentando para as realidades vividas, causando reflexões às ações humanas, e, por conseguinte adquirindo uma função social, uma vez que “atribuir um valor cultural é prerrogativa e decisão do campo apropriada a questões da sua realidade, o contexto museológico” (LIMA, 2013).

Nesse contexto, inclui-se também a Declaração de Quebec com princípios base da Nova Museologia, sucedendo a primeira expressão no evento de Santiago, se apresentando como uma museologia de caráter social que se preocupa com questões de âmbito social, cultural e econômica, buscando se consolidar como um movimento interessado em primeiro plano no “desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro”, aproximando comunidades e seus saberes e fazeres a favor de um desenvolvimento cíclico que respeite a diversidade de seus patrimônios.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Após 20 anos da Mesa Redonda de Santiago, vem a Declaração de Caracas para reiterar com algumas das considerações anteriormente mencionadas no Chile e também estabelecer novas visões acerca do cenário museal e museológico que vinham se constituindo. Esta declaração apresenta apontamentos importantes para se entender o contexto ao qual a América Latina estava passando na década de 1990 demonstrando uma preocupação com o que poderia se seguir no século XXI, bem como expõe as angústias da ausência de política cultural que abrangesse a área, e a iminência de privatizações, retirando as responsabilidades do Estado em relação ao patrimônio cultural, tendência essa que corremos o risco novamente. Assim, a declaração manifesta suas considerações e recomendações acerca das temáticas de comunicação, patrimônio, liderança, gestão e recursos humanos.

No documento de Caracas queremos frisar algumas passagens acerca das considerações da temática de comunicação que diz respeito ao caráter comunicativo do museu como um aparelho que deve proporcionar uma interação entre comunidades, processos e produtos culturais, hoje, esta ação sendo entendida como parte do ato e processo de

musealização⁶ de acervos:

[...] como signos da linguagem museológica, os objetos não têm valor em si mesmos, mas representam valores e significados nas diferentes linguagens culturais em que se encontram imersos; [...] o processo de comunicação não é unidirecional, mas um processo interativo, um diálogo permanente entre emissores e receptores, que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuo [...]; [...] na América Latina os museus, geralmente, não são conscientes da potencialidade de sua linguagem o de seus recursos de comunicação, e muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados; [...] o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e colectiva; (Declaração de Caracas, 1992)

O Museu lida diretamente com o humano, por isso é tido como um aparelho de representação da sociedade. Dessa maneira, um objeto não transmite somente uma história, ele pode transmitir multiplicidades de significados de acordo com as perspectivas observadas sobre ele. Assim, há um valor social no lugar em que ele se encontra daí a importância da representatividade nessa espacialidade do

⁶Waldisa Guarnieri (1990) entende a musealização como o ato de musealizar, uma forma de preservação que deve apresentar características de testemunhalidade, documentalidade e fidelidade acercado homem e seu ambiente; e Marília Cury percebe como um processo, uma “valorização dos objetos” e que se inicia no ato de seleção seguido por aquisição, pesquisa, documentação, conservação e comunicação, através do “olhar museológico” e “que visa à transformação do objeto em documento e sua comunicação” (CURY, 1989, p. 24-26).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

museu enquanto território de narrativas e espaço de educação para seus públicos.

Pensar na história e trabalhos de mulheres, além de seus corpos enquanto patrimônio é um exercício de pensar como esse patrimônio se constitui e por quem. E pensar não somente nos patrimônios institucionalizados, mas também nas demais expressões artístico-culturais que igualmente podem ser entendidas por patrimônio porque fazem parte de uma representação social, mantendo dessa forma uma relevância e que merecem ser valorizados como bens. De acordo com o que Simioni (2011, p. 383) apresenta, expor mulheres pensando nelas dessa maneira e as inserindo em meios majoritariamente masculinos nos permite compreender a particularidade das trajetórias das artistas e obras percebidas em sua materialidade, sem dar autonomia excessiva.

Assim como a arte marginal da literatura de Carolina de Jesus que há muito foi espetacularizada como poetisa negra, pobre e favelada. Só lhe era permitido a fala, a manifestação por escrito de forma pública, enquanto curiosidade vinda da favela, mas a partir do momento que a preta favelada querendo se lançar como escritora na indústria deixa de satisfazer e passa a incomodar a elite com o crescente sucesso

e com as críticas sociais, impõem a máscara do silenciamento à Carolina, citando Grada Kilomba, desse modo, “Falar é uma espécie de negociação entre quem discursa e quem ouve” (2017, p. 9). Somente depois de seu centenário de nascimento é que a escritora tem sido redescoberta e pesquisada.

A ausência das mulheres negras deve estar em discussão uma vez que são inegáveis os privilégios da mulher branca também em meio às artes. Deve-se compreender a importância do feminismo negro estar em discussão uma vez que as necessidades desse grupo são diferentes. Espaços de arte e cultura são importantes no processo de visibilizar negras de maneira não estereotipada respeitando suas artes, histórias, individualidades e pluralidades, que Silva (2017) reflete que:

não estará somente promovendo uma construção de um novo discurso para a historiografia oficial, mas, não incentivando as práticas de racismo e de desrespeito às mulheres negras.(p. 199).

Os museus como locais de práticas sociais e territórios simbólicos e de narrativas, vinham se expandindo na vida da população brasileira e no âmbito das políticas culturais desde a década de 1970, ocorrendo um fortalecimento desses espaços por meio da resignificação e multiplicação, ou seja, novos museus começaram surgir, tanto fisicamente como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

em conceitos. Essa mudança ocorreu, em parte também pelo *boom* dos movimentos sociais, tendo estes efeitos tocado o campo da Museologia e dos Museus, pois estes últimos passaram a serem vistos como processos e práticas culturais de relevância social com a Nova Museologia em detrimento da Museologia Tradicional.

Instituições como Museus possuem uma forte narrativa de legitimação de discursos. A exposição e a forma como o acervo é exposto carrega um discurso que será embasado por peças e contextos históricos. Acervos são, geralmente, compreendidos como provas físicas do que ocorreu na história, e museus como instituições que pesquisam e aceitam essa verdade imposta. Quando uma peça é retirada de seu contexto original e inserida dentro de um contexto museal, ela precisa ser ressignificada. Dessa forma a peça passa por um processo de musealização, adquirindo um novo valor enquanto um objeto de museu. Segundo Lima (2013) “A Musealidade se caracteriza por uma nova ‘realidade’ que empresta ao que interpreta um toque diferenciador, exclusivo, marcado pela distinção”. Assim, podemos entender o espaço de museu como um aliado à visibilidade dada a grupos silenciados ao longo da organização da história social. Essa questão tem sido uma

discussão da Nova Museologia, que compreende a arte e a história não como espaços de verdades e respostas, mas sim de reflexões e desconstruções. Quando uma exposição é montada omitindo a existência de mulheres, o museu está deixando de ser um espaço de desconstrução e segue reafirmando identidades sociais criadas no contexto colonialista que fortalece certas identidades em detrimento de outras que são silenciadas e desautorizadas.

Dessa forma, para Djamila Ribeiro (2017) referente ao que Alcoff fala sobre as identidades criadas em uma lógica colonial,

[...] o objetivo principal ao confrontarmos a norma não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. [...] entender como poder e identidade funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. [...] as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (p. 31)

As mulheres sempre foram silenciadas e invisibilizadas acerca de suas atuações ao longo da história, sendo elas, segundo a historiadora Soihet (2016, p. 215), subalternizadas na sociedade brasileira em geral “por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” e em prol de um protagonismo patriarcal.

O feminismo passou por uma questão de aprisionamento em relação a uma visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, situação essa que segundo Sueli Carneiro (2003) foi consequência da

[...] incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (p. 118)

Conclusões

No campo das artes as mulheres estiveram presentes de forma sexualizada, com seus corpos nus em quadros e esculturas que ajudavam e ainda ajudam a reafirmar padrões femininos estéticos. Sendo esse um incômodo que parte de mulheres, seus feminismos e entendimentos sob seus corpos, compreende-se o movimento de trazer a história das mulheres para dentro dos museus como uma ação que parte de fora para dentro, mas que deveria ser o contrário. As narrativas que podem ser proporcionadas também através dos objetos de museu, precisam ter um protagonismo feminino e feminista, são memórias que desejam se fazer presentes

nestes espaços institucionais para gerar um sentimento de pertencimento e reconhecimento social, podendo quebrar regimes de gênero e sexualidade que nos são impostos.

Podemos refletir o quanto a Nova Museologia tem se preocupado em trazer os museus com suas exposições e atividades cada vez mais para perto das comunidades e seu público. Uma parcela desse problema é a ausência da mulher de forma não sexualizada dentro desses espaços. Em Belém, ainda nos encontramos distante ao que se propõe o movimento da Nova Museologia. Ainda nos deparamos com museus que não demonstram uma preocupação em expor temáticas relacionadas às mulheres (cisgêneros ou transgêneros) com a mesma intensidade em que se expõem homens, em obras e artistas. Com isso, os museus presentes no Centro Histórico também não desenvolvem ações educativas voltadas especificamente para as mulheres.

Trazendo para dentro do Museu as discussões acerca das ausências de representatividade social que quando notadas podem vir a causar incômodo e fazem com que não nos identifiquemos com o espaço e com as narrativas retratadas, pensa-se em como as mulheres



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

foram e continuam sendo silenciadas dentro desses espaços, seja no acervo, seja dentre artistas. A respeito dessa inquietude com a representação feminina nas exposições de arte, temos o exemplo do grupo Guerrilla Girls que nasce em 1985, na cidade de Nova Iorque, um grupo de mulheres com máscaras de gorila que denunciam o machismo e o sexismo nesses espaços institucionais.

Com a realização do questionário aplicado às mulheres participantes pudemos causar reflexões acerca dos espaços de museu, levantando questões de como somos lembradas a partir dos lugares que ocupamos dentro dos museus? Somos lembradas? Ocupamos de fato estes lugares? E tendo em vista essas invisibilidades, a constituição de acervos históricos apresenta-se problemática nas ações de exposição e pesquisa. O processo das pesquisas de acervo já é bastante meticuloso, demandando tempo, como também pode ser burocrático, visto que a gestão de instituições museológicas dificultam algumas das vezes a abertura para que seus acervos possam ser pesquisados por pessoas de fora da instituição, uma via de mão dupla que poderia ser seguida, ajudando tanto o pesquisador quanto o museu sendo beneficiado pela pesquisa, possibilitando a comunicação desses objetos e contribuindo

no processo de musealização dos mesmos. Contudo, acervos masculinos, brancos, heterossexuais, europeus e católicos, ou seja, das classes dominantes sempre foram priorizados em pesquisas, armazenamento e exposição. Sendo assim, encontramos uma escassez de material para pesquisa e exposição histórica em relação a mulheres, considerando o acervo oposto.

As mulheres vêm sendo bastante apresentadas enquanto artistas e motivos em artes nas exposições temporárias, contudo chamamos atenção para as ausências no âmbito das exposições permanentes e que devido ao tempo de inauguração das mesmas, obviamente carecem de reformulações e de um olhar mais contemporâneo acerca de seus objetos e narrativas, ressignificando-os. É preciso trabalhar de forma mais recorrente em relação às mulheres e seus feminismos, além da preocupação com o público feminino que também precisa estar presente e se sentir representado no museu. Isso pode se dar através da escuta e diálogo do que esse público feminino tem para dizer.

O museu como instituição a serviço da sociedade é local de construção e fortalecimento de identidades. Por isso o museu deve estar sempre em processo, tal



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como a sociedade e trazendo para seu âmbito aquilo que é pauta além dos muros da instituição. Demonstrando uma emancipação necessária em relação às narrativas do passado e sem reflexões críticas, e de se decolonizar.

Referências

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49. 2003.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3. 1990.

KILOMBA, Grada. A Máscara. In: **Debate e Pensamento**, 2017.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3. 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 2017.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: **MAST Colloquia–Museu: Instituição de Pesquisa**. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro. 2005.

_____. Museu, Museologia e a

'Relação Específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3, 2013.

SILVA, Joana A. Flores. Não me olhe como vê: o não lugar das memórias, narrativas e trajetórias das mulheres negras nos museus de Salvador. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 53, n. 9. 2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A difícil arte de expor mulheres artistas. **Cadernos pagu**. 2011.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto. 2012.